

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ENSINO FUNDAMENTAL NA ESPANHA: NOTAS PRELIMINARES DE PESQUISA

Ana Cláudia Bortolozzi Maia

(Universidade Estadual Paulista – UNESP Campus de Bauru)

Eladio Sebastian Heredero

(Universidade de Alcalá de Henares – UAH Campus de Guadalajara)

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

(Universidade Estadual Paulista – UNESP Campus de Araraquara)

Eixo temático: Formação Inicial e Continuada de Professores para a Educação Básica.

INTRODUÇÃO

A **Educação Sexual** é conceituada como um processo amplo que envolve toda a ação formal e informal construindo concepções diversas sobre a sexualidade humana. A educação sexual ocorre em todas as instâncias sociais, de modo intencional ou não intencional (FIGUEIRÓ, 1996; MAIA, MAIA, 2005; WEREBE, 1988; RIBEIRO, 1990). Desta forma, todos nós, querendo ou não, educamos e somos alvos de um processo de educação sexual.

Outro modo de educação sexual é aquele em que as informações são transmitidas de modo sistematizado, organizado e intencional e a esse processo chamamos de **Orientação Sexual**. A orientação sexual formal seria, portanto, uma ação sistematizada, planejada e intencional, com tempo e objetivos determinados pelo educador/orientador responsável (GTPOS, ABIA, ECOS, 1994; MAIA, 2004; REIS; RIBEIRO, 2002, 2005; RIBEIRO, 1990).

Quando falamos em sexualidade, nos referimos a um conceito amplo e abrangente que representa concepções sociais e culturais (GUIMARÃES, 1995; MAIA, 2001; REIS, RIBEIRO, 2002; REIS, RIBEIRO 2005; RIBEIRO, 1990). Por um lado, a sexualidade individual refere-se a um conjunto libidinal de diferentes fontes de prazer, cujo erotismo não se esgota nem se restringe à genitalidade (FREUD, 1987): sexualidade não é sinônimo de sexo e de relações sexuais. Por outro, a sexualidade social diz respeito a um conjunto de valores e concepções sobre as questões relacionadas ao corpo, às funções, ao sexo, a construção de gêneros, a normatização de vínculos amorosos e, como afirmamos outro trabalho (MAIA, 2008), a padrões definidores de normalidade que configuram o erotismo humano.

Para a realização da orientação sexual em qualquer instituição, é essencial a ação de um profissional preparado teórica e tecnicamente, o que implica em investimentos oficiais na formação de orientadores/educadores sexuais reflexivos, críticos e com conhecimento interdisciplinar dos temas pertinentes à sua atuação. No caso da escola brasileira, além de profissionais especialmente capacitados como orientadores sexuais, é também preciso que o professor, seja ele de qualquer disciplina, também seja formado nesta área, porque mesmo que ele não tenha intenção de trabalhar a sexualidade em sua disciplina específica, está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais a inclusão da orientação sexual como um dos temas transversais que “atravessa” as disciplinas curriculares (BRASIL, 2000; FIGUEIRÓ, 2004; MAIA, 2004; REIS, RIBEIRO, 2005). No entanto, mesmo que a literatura na área aponte estas necessidades, é visível que os cursos de formação em Magistério e em Pedagogia desconsideram ou minimizam o tema da sexualidade e da educação sexual em seu currículo formador (FIGUEIRÓ, 2006; REIS, RIBEIRO, 2002; LEÃO, RIBEIRO, 2008).

A ausência de disciplinas sobre sexualidade e educação sexual nos cursos de formação em Magistério e Pedagogia não é uma exclusividade brasileira. Na Espanha, país em que foi realizada a presente pesquisa, os cursos de formação também não consideram esta temática. Nestes casos, não é incomum, portanto, que os professores em exercício recorram a profissionais específicos que possam auxiliá-los, como o psicólogo, o enfermeiro ou o médico, socialmente considerados como os profissionais que teriam a habilitação necessária para tratar questões sexuais. Isto ocorre porque a busca por formação continuada nesta área em cursos de especialização, aperfeiçoamento, atualização ou capacitação esbarra na dificuldade em encontrar regularmente o oferecimento dos referidos cursos.

Se não há formação inicial nem continuada realmente o trabalho de orientação sexual na escola fica comprometido.

Em nossos estudos temos verificado o quanto a literatura especializada mostra que a sexualidade enquanto campo de investigação e estudo não pode ser desconsiderada do contexto escolar e que o professor deveria assumir o papel educativo da orientação sexual de seus alunos, embora necessite ser habilitado para tal atuação, considerando sua pouca formação acadêmica e continuada para esta tarefa (REIS, RIBEIRO, 2002; MAIA, 2004; LEÃO, RIBEIRO, 2009; FIGUEIRÓ, 2006; SANTOS, BRUNS, 2000; LOURO, 1999). Diante destas constatações, perguntamos: O que pensam os alunos de cursos de magistério, ainda em formação para atuar como

professores, sobre ser formado na temática de sexualidade? Como esses alunos compreendem o conceito de sexo e sexualidade? Que informações considerariam importante receber na formação? Que justificativas embasam, afinal, a compreensão de ser ou não importante a formação acadêmica em sexualidade?

Estas são questões de pesquisa que podem nos levar a entender a importância das ações de orientação sexual na escola e proporcionar reflexões que subsidiem propostas efetivas para a inserção deste trabalho na rede de ensino. A sexualidade enquanto disciplina no espaço da escola, em qualquer nível de atuação – educação infantil, ensino fundamental, ensino médio ou ensino superior – tem de basear-se, sobretudo, em um referencial teórico que tenha por princípio o conceito de sexualidade amplo, abrangente e definido por questões culturais e históricas. Ou seja, o estudo das atitudes e comportamentos sexuais, assim como a proposição de caminhos para se trabalhar a orientação sexual em sala de aula, precisam ocorrer a partir de uma concepção de construção histórica e social dos valores e das normas que regulam as práticas sexuais. Neste sentido, observamos a existência de um discurso que considera ser promíscua ou pervertida a insistência em discutir, debater ou explorar a sexualidade em sala de aula.

No entanto, lembramos que o “discurso” da sexualidade nas escolas não se faz somente por palavras, pois a educação sexual não intencional, as atitudes e comportamentos dos alunos e as representações de educadores, coordenadores e dirigentes sobre esses comportamentos existem em toda a organização social como uma forma de normatizar a sexualidade *dita* “sadia” e “normal” (CHAUI, 1984; FOUCAULT, 1988). Os dispositivos de poder controlam a sexualidade daqueles que convivem no espaço escolar. Ou, como explica Louro (1999, p. 80-81), “é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. [...] Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de ‘educação sexual’, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo que alguém possa se despir”.

Assim, entendemos que diante de um contexto que nega, discrimina, rotula ou controla o sexo e as manifestações da sexualidade, e que, discurso e práticas sexuais caminham lado a lado na escola, não é mais possível adiar a inserção da orientação

sexual na sala de aula e a formação de profissionais para esta atuação. O discurso da sexualidade e a orientação sexual devem fazer parte da educação integral que todo aluno tem direito de receber adequadamente.

É preciso que os educadores reconheçam a sexualidade como sendo inerente à vida humana, que eles próprios reproduzem as concepções sociais sobre sexualidade, na figura de mulher ou homem que são, na visão que têm sobre sexo e sexualidade e sobre os valores da sexualidade humana, naquele contexto cultural em que educam seus alunos. Além disso, é preciso que os professores percebam que os corpos dos alunos em crescimento e em desenvolvimento, são sexuados e também representam diferentes aspectos biológicos, sociais e culturais. Assim, professores e alunos explicitam valores vigentes sobre sexualidade, quando reproduzem, por exemplo, os padrões de estética e de gênero pautados numa visão heteronormativa. Podemos ainda desconsiderar essa sexualidade na escola?

OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho foram:

- a) identificar o conceito de sexo e sexualidade entre alunos do Curso de Magistério da Espanha;
- b) conhecer se e porque esses alunos de magistério compreendem a formação acadêmica em sexualidade como importante.

A intenção deste levantamento foi subsidiar uma proposta de Orientação Sexual para os alunos de magistério, por isso anteriormente à elaboração da referida proposta era preciso conhecer o que os alunos pensavam sobre a temática.

MÉTODO

Participantes:

Participaram 26 alunos da Escola Universitária de Magistério da Universidade de Alcalá de Henares, campus de Guadalajara, Espanha. Entre os alunos, 5 eram do sexo masculino, com idade variando entre 21 e 28 anos, e 19 eram do sexo feminino, com idade variando entre 19 e 39 anos. A média de idade de todo o grupo de participantes foi 23,5 anos.

Material:

Para coleta de dados, utilizou-se um questionário com questões abertas e semi-

abertas redigido em língua espanhola. Esse instrumento investigava os seguintes aspectos: 1. dados pessoais do participante; 2. conceito de sexo e sexualidade; 3. levantamento de opinião sobre a formação em sexualidade: necessidade do professor de magistério receber formação nesta área, justificativa para tal e temas que seriam relevantes nessa formação.

Procedimentos¹:

A coleta de dados foi realizada em uma única sessão que durou cerca de 40 minutos. Os alunos responderam ao questionário individualmente, estando todos na mesma sala, em local e horário previamente agendado. A análise de dados foi qualitativa, isto é, as respostas foram computadas, organizadas em frequência e em categorias para a análise de conteúdo (BARDIN, 1977; TRIVINÓS, 1987).

Assim, as categorias elaboradas, a partir dos eixos temáticos que respondem aos objetivos estão descritas nos quadros abaixo.

Eixo temático	Categorias	Descrição das categorias: quando os relatos referiram-se às
Compreensão do conceito de sexo	Práticas e Atração Sexual	relações sexuais, com ou não intenção de reprodução humana, incluindo o desejo para a atração;
	Diferenças de gênero	diferenças corporais e sociais do masculino e do feminino;
	Funcionalidade	funções como se reproduzir ou se casar
Compreensão do conceito de sexualidade	Práticas e Atração Sexual	relações sexuais; atração erótica; sinônimo de sexo;
	Orientação afetivo-sexual	vínculos amorosos e sexuais homossexuais ou heterossexuais
	Relacionamento amoroso e conjugal	vínculos amorosos, citando o relacionamento de casais
	Características e percepções pessoais; identidade de gênero	qualidades e características de identificação pessoal, identidade de gênero
Compreensão sobre a importância da formação em sexualidade do professor	Porque a orientação sexual dos alunos é uma função do professor	necessidade do professor de estar bem informado para atuar como orientadores, isto é, transmitir esses conhecimentos aos alunos

Esses os cuidados éticos foram respeitados na realização do projeto, isto é, esclarecimento sobre o trabalho, solicitação de participação voluntária de participação no questionário.

Porque a orientação sexual dos alunos responderia às suas necessidades e dúvidas	necessidade de estar bem informado para responder aos alunos, quando estes manifestassem interesse ou dúvidas;
Porque qualquer conhecimento faz parte da formação do professor	ao tema como um conhecimento geral que abrange a formação do professor

Quadro 1. Descrição das categorias elaboradas na análise de dados

RESULTADOS

1. O que dizem os alunos de magistério espanhóis?

1.1. Conceito de sexo e sexualidade

O conceito de sexo para os participantes foi relacionado principalmente às categorias: “diferença de gênero” (16), seguida de “práticas e atração sexual” (7), como mostra a Tabela 1.

Eixo temático	Categorias	Número de respostas
CONCEITO DE SEXO	DIFERENÇAS DE GÊNERO	16
	PRÁTICA E ATRAÇÃO SEXUAL	7
	FUNCIONALIDADE	2
	RESPOSTAS EM BRANCO	1

Tabela 1. Compreensão dos alunos espanhóis de magistério sobre o conceito de sexo

Sexo foi compreendido como aquilo que classifica os seres humanos em masculinos e femininos, como podemos ver nos relatos “diferença entre homens e mulheres”, “diferencia o gênero do ser humano”, “há dois sexos, o masculino e o feminino”, “diferenciação entre gêneros”. E também como aquilo que designa o relacionamento sexual propriamente dito: “ato prazeroso que geralmente ocorre entre duas pessoas”, “prática sexual em si mesma”. Além disso, o sexo em sua funcionalidade também foi lembrado: “ato que leva a cabo um marido”, “mecanismo biológico para a reprodução sexual”.

O conceito de *sexualidade* para os participantes foi relacionado principalmente às categorias: “práticas e atração sexual” (11), “características e percepções pessoais e identidade de gênero” (5), seguida de “orientação sexual afetivo-sexual” (4) e “relacionamento amoroso conjugal” (3), como mostra a Tabela 2.

Eixo temático	Categorias	Número de respostas
CONCEITO DE SEXUALIDADE	PRÁTICAS E ATRAÇÃO SEXUAL	11
	CARACTERÍSTICAS E PERCEPÇÕES PESSOAIS; IDENTIDADE DE GÊNERO	5
	ORIENTAÇÃO SEXUAL AFETIVO-SEXUAL	4
	RELACIONAMENTO AMOROSO CONJUGAL	3
	OUTRA CATEGORIA: ÁREA DA CIÊNCIA	1
	RESPOSTAS EM BRANCO	2

Tabela 2. Compreensão dos alunos de magistério espanhóis sobre o conceito de sexualidade

A sexualidade foi compreendida como um fenômeno focalizado nos aspectos genitais e sexuais, relacionando às práticas sexuais e ao sinônimo de sexo, como podemos ver nos relatos: *“aspectos que abordam o sexo entre homens e mulheres ou entre pessoas de mesmo sexo”, “tudo aquilo relacionado com sexo”, “se refere ao ato sexual”*.

Também foi compreendida como uma característica ou qualidade do ser humano, que o faz identificar-se como sujeito sexuado ou formador de sua identidade de gênero, como podemos ver nos relatos: *“como nos sentimos identificados”, “uma qualidade que nos define”, “percepção do indivíduo de sua maturidade sexual”*. Questões sobre a orientação afetivo-sexual homossexual e heterossexual também foram comentadas: *“gostar por outra pessoa de outro sexo ou do mesmo sexo”, “preferência sexual por um ou outro sexo”,* assim como o relacionamento amoroso: *“forma de entender o ato amoroso”, “relações de um casal”*. Um participante citou a sexualidade como uma ciência: *“ciência que estuda as pessoas em seu âmbito reprodutivo, emocional e social”*.

1.2. Formação em sexualidade de alunos de magistério

Todos os 26 alunos que responderam ao questionário afirmaram que a formação em sexualidade seria algo importante para um futuro professor que precisaria receber esclarecimento e formação nesta área para transmitir esses conhecimentos aos seus futuros alunos. As justificativas para essa compreensão versaram tanto no fato deles estarem mais preparados para atuar na orientação sexual de seu alunado, como também para responder a demanda de questionamentos e dúvidas de seus alunos.

Outros temas relacionados, como a importância de saber também esclarecer aos pais, o período de vida de seu alunado marcado por mudanças físicas e psicológicas, como a puberdade e a adolescência e uma postura avaliada como “aberta”, “adequada”, “natural” para lidar com essa orientação, apareceram no discurso dos alunos. A Tabela 3, abaixo, agrupa as categorias elencadas a partir dos dados obtidos.

Eixo temático	Categorias	Número de respostas	
A FORMAÇÃO EM SEXUALIDADE É IMPORTANTE PARA O FUTURO PROFESSOR	Porque a orientação sexual dos alunos é parte da função do professor	10	
	Porque essa orientação responderia às necessidades dos alunos	Com naturalidade, abertamente; de modo adequado e correto;	6
		Quando os alunos manifestassem dúvidas e curiosidades	4
		Ajudando aos pais nessa orientação	2
		Que estão passando pelo crescimento do corpo e vivendo a puberdade e a adolescência	2
		Porque qualquer conhecimento faz parte da formação do professor	2

Tabela 3. Compreensão dos alunos de magistério espanhóis sobre o conceito “a formação em sexualidade”

A compreensão de ser importante um professor receber a formação na área da sexualidade, ainda na sua preparação como professor, como é o Curso de magistério, foi evidente. No entanto, as justificativas para esse argumento foram mais diversificadas. A maior parte dos relatos referiram-se a compreensão de que os alunos teriam dúvidas sobre o tema, fariam perguntas e questionamentos e os professores deveriam estar preparados para responder a elas (14). Essa orientação dos professores, segundo a análise dos relatos, deveria ser feita com devida formação na área, isto é, de modo “adequado” ou “correto”, entendendo aqui esse julgamento como sendo algo realizado com devida orientação teórica-prática: *“formação necessária para poder informar de forma correta os alunos”, “somente assim posso transmitir aos alunos os conhecimentos pertinentes e de maneira adequada”*. Além disso, também entendendo como uma postura desejável ao orientador sexual, os participantes entendem que os professores deveriam realizar a orientação dos alunos com “naturalidade” e “abertamente”: *“devem estar preparados para tratar com naturalidade o tema para que*

nenhum aluno se sinta incomodado”, “atender as questões dos alunos com naturalidade, sem tabus e complexos”;

Outra compreensão seria a de que a orientação sexual seria uma função do professor, o que entendemos tratar-se de uma formação para a orientação como uma parte de seu trabalho pedagógico, mesmo que os alunos não manifestassem dúvidas sobre o assunto (10), como podemos ver nos relatos: *“a formação neste campo é necessária para que eles tenham um conhecimento amplo sobre o tema para melhor transmitir os conceitos aos alunos”, “eles devem transmitir seus conhecimentos a futuras gerações e este é um tema importante que devem estar informados”, é necessário que os professores de magistério sejam formados em Educação Sexual para que eles possam formar e orientar seus alunos, “é uma formação importante para poder explicar as crianças tudo o que é relacionado a este tema”.*

Finalmente dois participantes compreendem o conhecimento sobre sexualidade como uma questão importante por considerá-lo um dos temas abrangentes que configuram a sua formação: *“me parece bem, porque todo conhecimento é bom”;* *“quanto maior a formação do professor, melhor”.*

Entre os temas da sexualidade que os participantes levantaram como pertinentes para receberem formação concentram-se aqueles relacionados aos aspectos biológicos e não sociais, sobretudo o aspecto genitalizado da sexualidade, bem como questões preventivas e as conseqüências negativas do exercício da sexualidade, como a gravidez não planejada e as DSTs.

Aspectos preventivos (13 respostas)	Métodos contraceptivos e uso de camisinha
Consequências da relação sexual desprotegida (15 respostas)	Doenças sexualmente transmissíveis Gravidez
Corpo Humano, sexual e reprodutivo (11 respostas)	Relação sexual Órgãos sexuais, prazer, menstruação
Conceitos teóricos e práticos (8 respostas)	Conceito de sexo e sexualidade Desenvolvimento da infância para adolescência Como responder às crianças Tudo
Questões de gênero; igualdade e direitos (7 respostas)	Papel do homem e da mulher Igualdade entre os sexos Tolerância e respeito aos direitos humanos
Questões sociais (6 respostas)	Tabus sociais Sexo em outras culturas

Quadro 2. Temas propostos para a formação dos professores

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de sexo dos participantes reproduz a compreensão biológica das classificações de espécies, entre masculinos e femininos, assim como a noção geral e de senso comum de gênero como sinônimo de sexo. Atualmente o gênero tem sido considerado uma categoria social, cultural e política que extrapola a questão meramente de identificação entre corpos sexuados (LOURO, FELIPE, GOELLNER, 2007).

O conceito de sexualidade que os participantes têm reproduz a mesma compreensão restritiva que relaciona sexualidade à genitalidade (MAIA, 2001; RIBEIRO, 1990). Embora os sujeitos considerem os relacionamentos entre pessoas de mesmo sexo e de sexo oposto, desconstruindo a idéia heteronormativa de vínculo amoroso, os seus relatos ainda vinculam prioritariamente a sexualidade à prática sexual, explicitando um modo de compreender a sexualidade com uma visão limitada e restritiva.

Além disso, o fenômeno da sexualidade foi compreendido individualmente, como uma construção subjetiva do sujeito, enfocando a identidade pessoal ou a questão emocional e amorosa do sujeito com outra pessoa. Os aspectos sociais e culturais da sexualidade que atualmente fazem parte de uma importante discussão teórica na área (FOUCAULT, 1988; CHAUI, 1984), não aparecem nos discursos.

Os sujeitos evidenciam falta de formação acadêmica e se esforçam por improvisar atitudes de orientação, mas nada preparado pedagogicamente, preventivamente ou inserido em práticas pedagógicas da escola como um todo, como já detectara FIGUEIRÓ (2004). Para esta autora, os professores, em geral, agem diante da ocorrência de comportamentos que consideram inadequados e tem mais facilidade quando não consideram os comportamentos e/ou as perguntas muito “exageradas”.

Considerando que as situações em que as crianças e adolescentes manifestam comportamentos sexuais são freqüentes na escola, isto ressalta a necessidade de formação na área que é desmerecida nos cursos de formação em pedagogia ou magistério. Um caminho é a Formação Continuada na área da sexualidade, essencial para suprir a carência na formação acadêmica e as dificuldades de professores no trabalho pedagógico de orientação sexual.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

SANTOS, C. & BRUNS, M. A. T. **A educação sexual pede espaço**. Campinas: Ômega Editora, 2000.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida**. São Paulo: Brasilense, 1984.

FIGUEIRÓ, M. N. D. O Professor como Educador Sexual: Interligado Formação e Atuação profissional. In: RIBEIRO, P.R.M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p. 115-151.

_____. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Londrina: EDUEL, 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade** Vol.1: a vontade de saber. Tradução de Guilhon de Albuquerque e Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo, Graal, 1988.

FREUD, S. Três ensaios para uma teoria sexual (1905). In: **Obras completas de Sigmund Freud**. vol VII, 2ª ed, Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 163-195.

GUIMARÃES, I. R. F. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. A sexualidade na formação inicial do educador: apreciação do curso de Pedagogia da Unesp-Araraquara. In: Actas III Encuentro Iberoamericano en educación. Espanha, Alcalá, 2008. **Anais...** Alcalá: EIDE, 28 a 31 de outubro de 2008. CD Rom.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. O (des) conhecimento dos alunos de um curso de Pedagogia quanto a orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: FURG, 2009, p. 105-114.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAIA, A.C.B. Sexualidade: Reflexões sobre um conceito amplo. SBPN – **Scientific Journal**, v.5, p.45-48, 2001.

_____. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P.R.M. **Sexualidade e educação:**

Aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p.153-179.

_____. Sexualidade e educação sexual: Questões sobre a repressão. In: SILVA, A., SANTOS, B.R.; OLIVEIRA, C.M. (Orgs). **Infância e adolescência em perspectiva**. São Vicente: Prefeitura Municipal de São Vicente, 2006, p.9-16.

MAIA, A.C.B.; MAIA, A.F. (Orgs). **Sexualidade e infância**. Cadernos Cecemca. Bauru: UNESP; Brasília: MEC, 2005.

RIBEIRO, P.R.M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (org). **Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão**. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Editora Laboratório Editorial FCL, p. 81-96, 2002.

REIS, G.V.; RIBEIRO, P.R.M.R. Sexualidade e Educação Escolar: algumas reflexões sobre orientação na escola. Em MAIA, A.C.B.; MAIA,A.F. (Orgs.). **Sexualidade e infância**. Caderno CECEMCA. Bauru: CECEMCA/UNESP; Brasília: MEC/SEF, 2005, p. 35-44.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.